

MEMORIAL DE CRIAÇÃO PARA O PROJETO (IM)POSIÇÕES

Sinézia Ventura

Para citar este artigo:

VENTURA, Sinésia. Memorial de criação para o projeto (IM)posições. **A Luz em Cena**, Florianópolis, v.1, n.3, jul. 2022.

- DOI: <http://dx.doi.org/105965/27644669010320220601>



Memorial de criação para o projeto (IM) posições

Sinésia Ventura¹

SOBRE O PROJETO (IM)POSIÇÕES

(IM) posições é um espetáculo de dança que se desenvolve a partir da mistura das técnicas de parkour e dança como forma de explorar movimentos e a resistência física do corpo dos bailarinos, se desdobrando entre técnicas e temáticas da sociedade atual. O trabalho dialoga diretamente com as imposições sociais impostas aos indivíduos levando em consideração as problemáticas entre corpos e suas relações em sociedade, utilizando-se da iluminação para criação de ambientes, cenas, e determinação de espaços.

FICHA TÉCNICA CONCEPÇÃO E DIREÇÃO: Tatá Tavares

TEXTO: Índio Medeiros, Tatá Tavares, Thiago Gabriel, Sinésia Ventura e Vanilton Lakka

¹ Sinésia Ventura da Silva, formada em Gestão Cultural pela Universidade Federal do Cariri-UFC, possui formação complementar em Dramaturgia da Luz Cênica e em Eletricidade, atua como eletricitista de espetáculos e operadora de luz com registro pelo SATED-CE. Atualmente, presta serviços como técnica de iluminação do Centro Cultural Banco do Nordeste Cariri - CCBNB, onde realiza trabalhos dentro da programação de música, literatura, cinema e atividades infantis para companhias e bandas, nacionais e internacionais. Trabalhou profissionalmente com fotografia de 2005 a 2013 e desde então desenvolve trabalhos de pesquisa com imagens.



INTERPRETES CRIADORES: Tatá Tavares e Thiago Gabriel

CONCEPÇÃO DE ILUMINAÇÃO E OPERAÇÃO: Sinésia Ventura

TUTORIAS: Vanilton Lakka e Índio Medeiros

OFICINEIRO: Diogo Granato

FIGURINO: Tatá Tavares DURAÇÃO: 40 minutos

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: livre

SUGESTÃO MUSICAL: Vanilton Lakka

TRILHA SONORA: Bukez Finezt - Unknown Force e Sub Basics - Elixir

Inscrita na seleção para a faculdade de Artes Visuais com um projeto que envolvia sensações de imagens, cheguei até a terceira etapa do processo seletivo. Mesmo não tendo ingressado no curso, a oportunidade de ter participado dessas etapas me fez amadurecer ideias, estabelecer trocas produtivas com outros artistas e dialogar com as suas respectivas pesquisas.

Na ocasião, recebi o convite para atuar como iluminadora do projeto “Técnicas de parkour² aplicadas à

² *Le Parkour ou Parkour é uma prática que tem como objetivo se deslocar de um ponto a outro com rapidez e velocidade usando o próprio corpo como equipamento. É da língua francesa de onde veio a palavra Parkour. Em tradução, “Le Parkour” é um jeito diferente de escrever “parcours” que, por sua vez, quer dizer “percurso”.*



dança”, uma pesquisa acerca do corpo artístico que conversava com o projeto sobre imagens que eu já vinha desenvolvendo. A experiência de participar do laboratório de criação foi incrível e bastante relevante, pois envolvia corpo, movimento e imagem, favorecendo grandes resultados tanto para a obra quanto para cada integrante do projeto, bem como para o coletivo. Por sermos todos do Cariri cearense, senti-me lisonjeada em representar a região em um processo como esse, além de estar contribuindo para a arte e cultura do interior do Estado do Ceará. Inicialmente, aconteceram encontros diários e semanais realizados em diferentes locais, dentre eles, o espaço do Centro Cultural Banco do Nordeste (CCBNB Cariri), onde demos início aos testes práticos. Tivemos o primeiro contato virtual com o tutor Vanilton Lakka, que nos orientou com suas técnicas e pensou, junto com o grupo, acerca do desenvolvimento da pesquisa. No espaço do Centro Cultural CCBNB Cariri, utilizamos o palco como desafio, tentando explorar o máximo do local, usando, assim, suas ferramentas, dentre elas, luz, objetos e corpo. Estivemos ensaiando também no Posto Cultural, que é um espaço externo, sem qualquer disponibilidade de material. Em virtude dessa carência de recursos do ambiente de ensaio, nosso trabalho tornou-se ainda mais desafiador.

Tendo em vista a dispensa de outros materiais e acessórios, a pesquisa de corpo ganhou relevância, o que resultou na adaptação dos movimentos do parkour utilizando apenas os corpos e suas próprias sombras. Foi um presente poder ocupar o Posto Cultural, pois é um rico espaço de representações artísticas, especialmente para a comunidade onde está localizado. Por ser um local independente das esferas

F



governamentais, sobrevive de doações e ações voluntárias que o mantêm ativo e potente.

Considerando o espaço urbano como ambiente frequentado pelos praticantes de parkour, elegemos as ruas como locais de pesquisa, o que me trouxe diversas ideias, dentre elas, representar esse ambiente no espaço cênico, sem a utilização de materiais físicos e, sim, com efeitos de imagens criadas através de projeções luminosas.

Um dos desafios apresentados foi o de substituir os obstáculos normalmente utilizados pelos praticantes por efeitos luminosos que os representassem. Toda essa experiência progrediu com muita cautela e diversos questionamentos, por se tratar de um trabalho que buscava um determinado formato de corpo, seja ele através de uma técnica, um trabalho cênico, trabalhando com imagens ou nas ruas como uma forma de ressignificar espaços. Quando iniciamos os experimentos de iluminação, os processos técnicos do projeto de pesquisa seguiam bem encaminhados. No início, tivemos muita dificuldade, como, por exemplo, definir o que poderia ser usado em cena para substituir objetos e/ou obstáculos comuns à prática do parkour. Por ocasião dos ensaios realizados com a equipe e o tutor, o qual esteve presente conosco no mês de agosto, definimos detalhes fundamentais, tais como buscar objetos práticos e sustentável que não comprometessem a essência do trabalho. A princípio, foram usados alguns bastões como ferramenta de cena, posteriormente substituídos por lâmpadas a fim de produzir efeito cênico representativo dos obstáculos e enfatizando os movimentos corporais.

F



Foi desafiador criar uma luz acessível e adaptável a ambientes internos e externos considerando as limitações frequentemente encontradas nos locais das apresentações. Uma das dificuldades foi fazer com que esse material não dependesse de qualquer espaço ou aparelho cultural. Junto com a pesquisa, busquei algo moderno e prático, tais como objetos de reciclagem que pudessem ter base para manobras e saltos. Com o auxílio do tutor Lakka, cogitamos a melhor maneira de desenvolver esse trabalho nos espaços, tudo, entretanto, ainda em fase de experimentação. As sugestões e dicas partiam de toda a equipe, seguindo o trabalho de forma confortável e bem pensada. Dialogar e desenvolver a luz para esse projeto junto com os meus colegas foi fundamental tanto para o trabalho em si como para o meu desenvolvimento pessoal.

Ainda sobre o processo de desenvolvimento técnico, durante todo o período de criação, tivemos ensaios frequentes nos quais surgiram ideias que optamos por incorporar, em detrimento de outras, descartadas por não corresponderem às necessidades do projeto. Dentre as ideias que decidimos viabilizar, algumas estavam relacionadas à execução. Como o trabalho possui movimentos de parkour, como mencionado anteriormente, resolvemos utilizar técnicas de iluminação como substituição de obstáculos e, para isso, necessitamos de materiais específicos. Encontramos dificuldade para adquirir determinados materiais indispensáveis ao projeto, especialmente, as fontes de luz específicas para simulação dos obstáculos. A solução foi recorrer à internet e compras on-line.

Contamos, ainda, com a contribuição do oficinairo Diogo Granato com dicas e soluções para a criação de

F



materiais de baixo custo, como, por exemplo, a criação da máquina de gelo seco, que foi de fundamental importância para as atividades de corpo, servindo também para a implementação da estética cênica e para o meu enriquecimento técnico e profissional. O processo de criação e trabalho ao longo dos meses foi intenso. Entre outras ações, ocorreu o “Rota de Criação”, evento em que tive a oportunidade de conhecer pessoas incríveis, entre essas, Rogério Índio, que veio a ser outro tutor de grande relevância, sempre demonstrando carinho e cuidado com a nossa pesquisa. Índio compartilhou seu conhecimento sobre a dramaturgia de forma sensível, participando da criação. Para tanto, promovemos encontros virtuais em que criamos um grupo de estudos para a discussão da pesquisa, trocas de ideias e possíveis reajustes. Conheci também Carolina Wiehoff, coordenadora do Laboratório de Dança, uma figura maravilhosa e sensível que, junto com a equipe, compartilhou ideias que contribuíram decisivamente nas cenas e detalhes finais.

Durante esse processo, pude apresentar o meu espaço de trabalho, onde geralmente ocorrem os ensaios da equipe, uma parceria feita entre o grupo e o centro cultural CCBNB Cariri. Expus as minhas ideias diante da construção da pesquisa e do trabalho e também um pouco do material já construído. Com o “Rota de Criação”, descobri imagens e sensações em cena que me fizeram definir e explorar melhor o meu campo de trabalho na iluminação cênica.

Seguimos para a etapa final do processo, com os materiais comprados e a última tutoria realizada pelo Lakka. O mês de conclusão dos procedimentos de criação foi o de maior demanda, pois ainda faltavam alguns

F



ajustes de cena que conseguimos resolver com o tutor. Depois do recebimento do material e de todas as cenas acertadas, fizemos um ensaio geral, testando os equipamentos comprados e todo o projeto de iluminação que havíamos pensado para compor o trabalho. O resultado, felizmente, foi o que esperávamos. Precisei refazer o rider técnico, pois a coordenação do Porto Iracema havia pedido esse documento e, naquele momento, ainda não tínhamos definido cenas e nem testado os novos equipamentos.

Os ensaios foram desafiadores e exaustivos, dada a minha dificuldade em acompanhar o processo, ao dividir o tempo das pesquisas com o meu ambiente de trabalho sem atrapalhar ambos, que eram enormes. Busquei outras estratégias e uma delas foi trabalhar nas madrugadas, único período livre que me restava, buscando, assim, terminar todo o processo sem atrasos. A definição do nome do Espetáculo “[IM] posições” se deu através dos dois elementos que conversavam desde o início do projeto: luz e corpo. Para tanto, esse projeto de iluminação foi pensado em como trabalhar os obstáculos no palco sem que esses fossem, necessariamente, obstáculos materiais, tentando desconstruir um pensamento comum que se tem quando pensamos sobre parkour em cena. A pesquisa e todos os seus desdobramentos estão registrados em material técnico e fotografias a seguir. Em anexo, as fotos do processo de experimentação do projeto de luz *pensado para o espetáculo “[IM] posições”*.



DESCRIÇÃO DOS CANAIS (IM)POSIÇÕES

CANAL 01 – LUZ DE PLATEIA

CANAL 02 – FRENTE BRANCA

CANAL 03 – FLORECENTE DE CHÃO

CANAL 04 – CORREDORES LATERAIS DE CHÃO, BRANCO QUENTE

CANAL 05 – PAINEL FLORECENTE

CANAL 06 – FOCO CONTRA

CANAL 07 – MINI BEAM 04 UNID, SUSPENSO

CANAL 08 – MINI BEAM 02 UNID, CHÃO

GRAVAÇÃO DE CENAS E OPERAÇÃO DE ILUMINAÇÃO

PRIMEIRA CENA: Já inicia com a primeira música e luzes (lede) laterais ligadas. Na cena andamos de quatro apoios, levantamos e saltamos um pelo outro. Quando nos encontramos no centro do palco e levantamos é a deixa para ascender os bins com a luz clara dando sequência a segunda cena.

F



SEGUNDA CENA: Ainda permanece a primeira música. Durante essa parte iremos interagir com as luzes formadas pelos bins. A deixa para a próxima cena é quando eu pegar o bastão que ficará escondido no fundo do palco, nesse momento retira a luz dos bins, ascendem às luzes laterais (ledes e refletores) e entra a segunda música que permanece até o final.

TERCEIRA CENA: Solo de Tatá, sem música, apenas com as luzes da “parede” e refletores laterais. Vai ter um momento nessa cena que eu entro dando uns saltos por cima dela. Seu solo tem fim quando ela deitar no palco na parte superior, sendo essa a deixa para a próxima cena.

QUARTA CENA: Flow - Quando Tatá deitar no chão, solta a terceira música, luzes da “parede” piscando e refletores laterais ligadas. Durante essa cena realizaremos vários movimentos um pelo outro tendo como deixa para a próxima cena quando ambos fizermos uma estrelinha sem as mãos.

QUINTA CENA: Quando fizermos a estrelinhas sem as mãos as luzes dos Bins entram (vermelho e branco), a música permanece e continuamos interagindo com as luzes. A deixa para a cena final e quando nos encontramos no centro do palco e ficamos de pé um de frente para o outro. Nesse momento retira a música e a luz dos bins, entrando apenas as luzes laterais (ledes e refletores).

CENA FINAL: rolar e saltar, encontro com empurrões, subo em suas costas (ascende os refletores de cima) no qual ela vai dar pequenas voltas até quando, no centro do palco, cairei e as luzes apagam, finalizando a apresentação.

F



REGISTRO FOTOGRÁFICO DO PROCESSO DE CRIAÇÃO



F



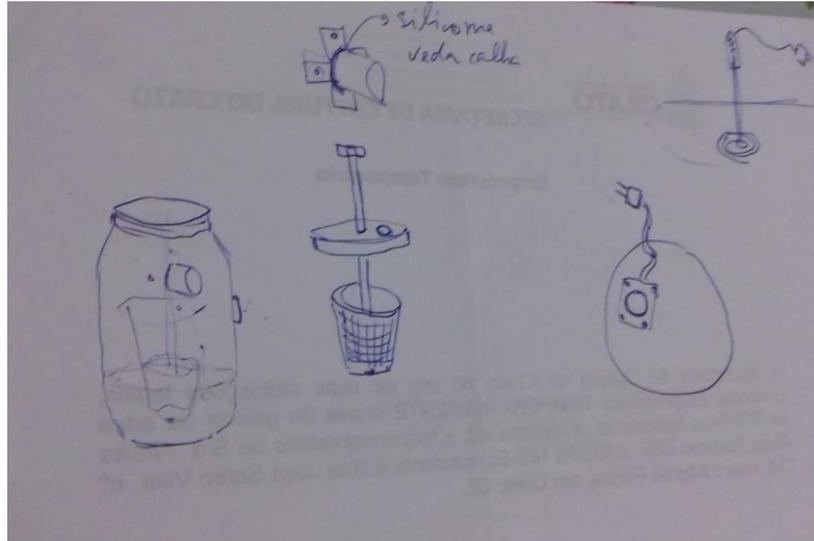
PRIMEIROS ENSAIOS NO POSTO CULTURAL



F



FABRICAÇÃO DA MAQUINA DE FUMAÇA

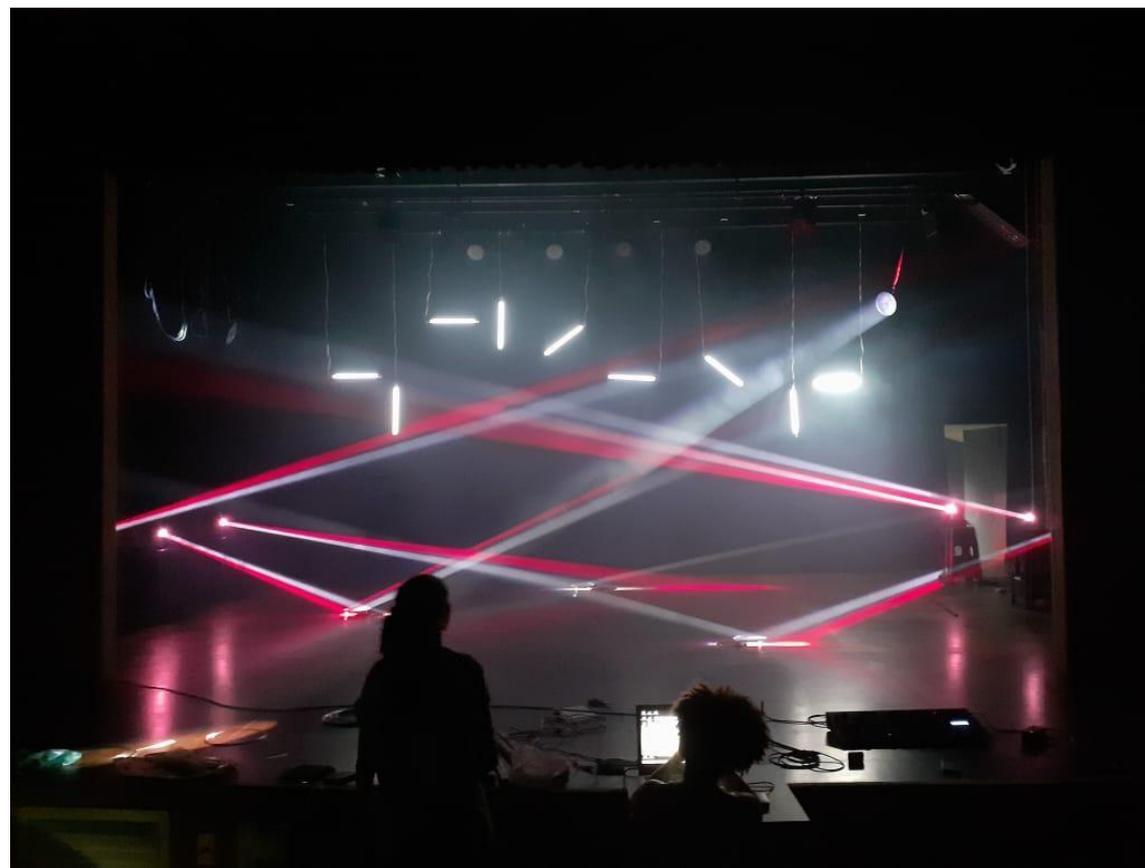




F



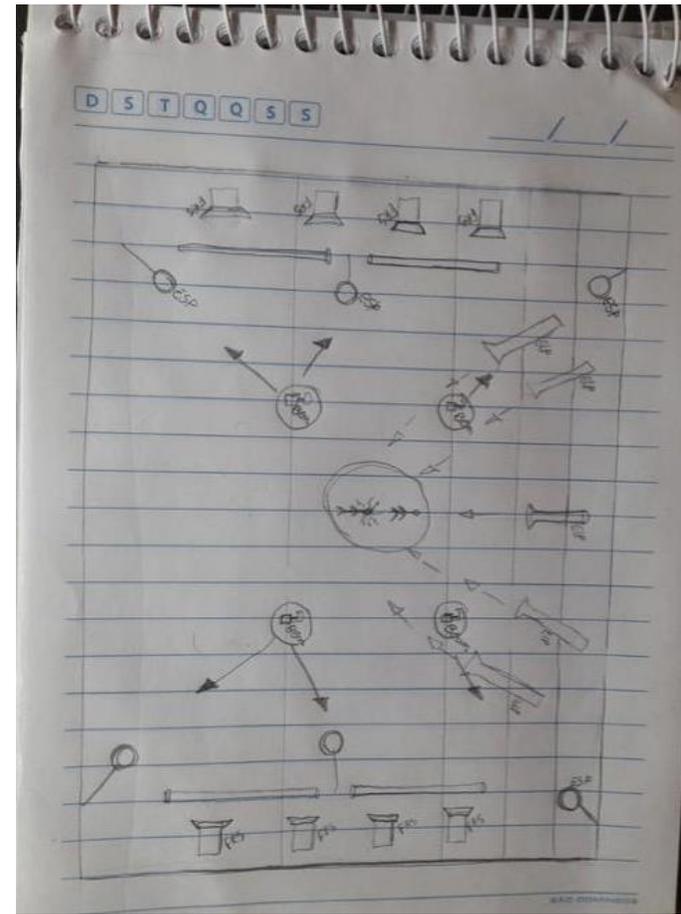
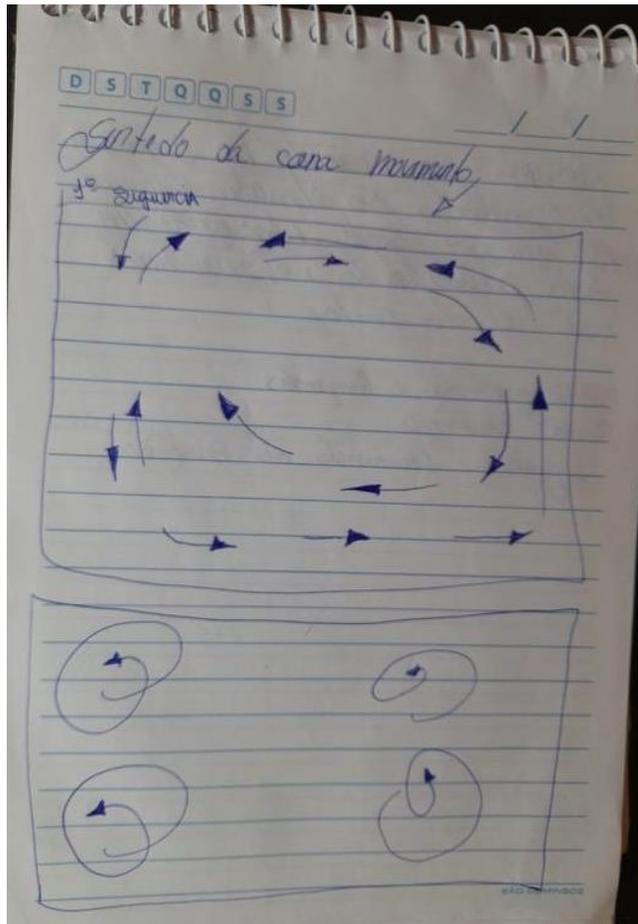
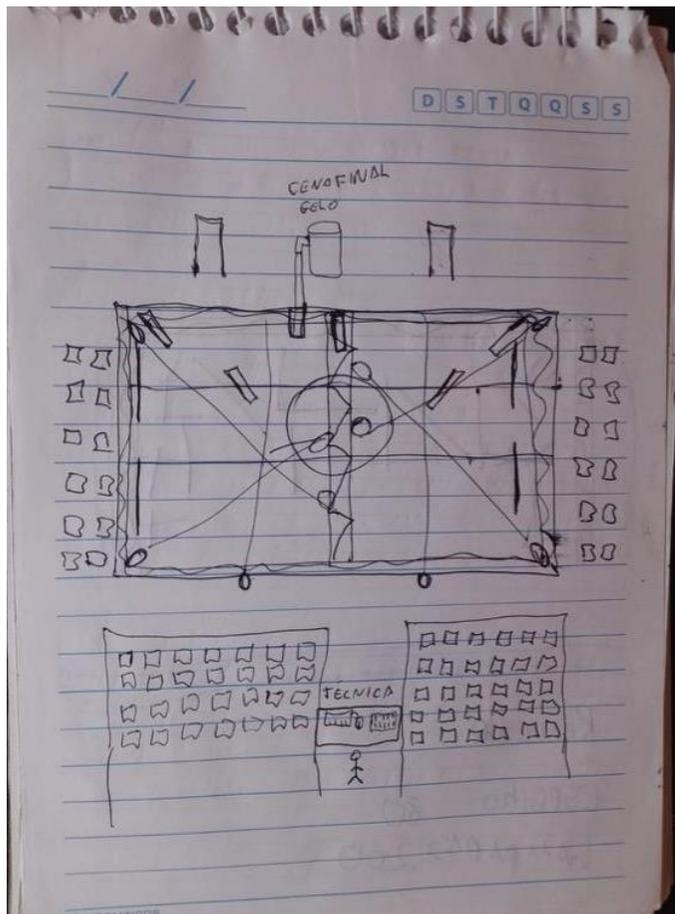
RESULTADO: CRIAÇÃO DE OBSTÁCULOS COM LUZ REBATIDA



F



CADERNO DE REGISTROS



F



ENSAIOS NO PALCO



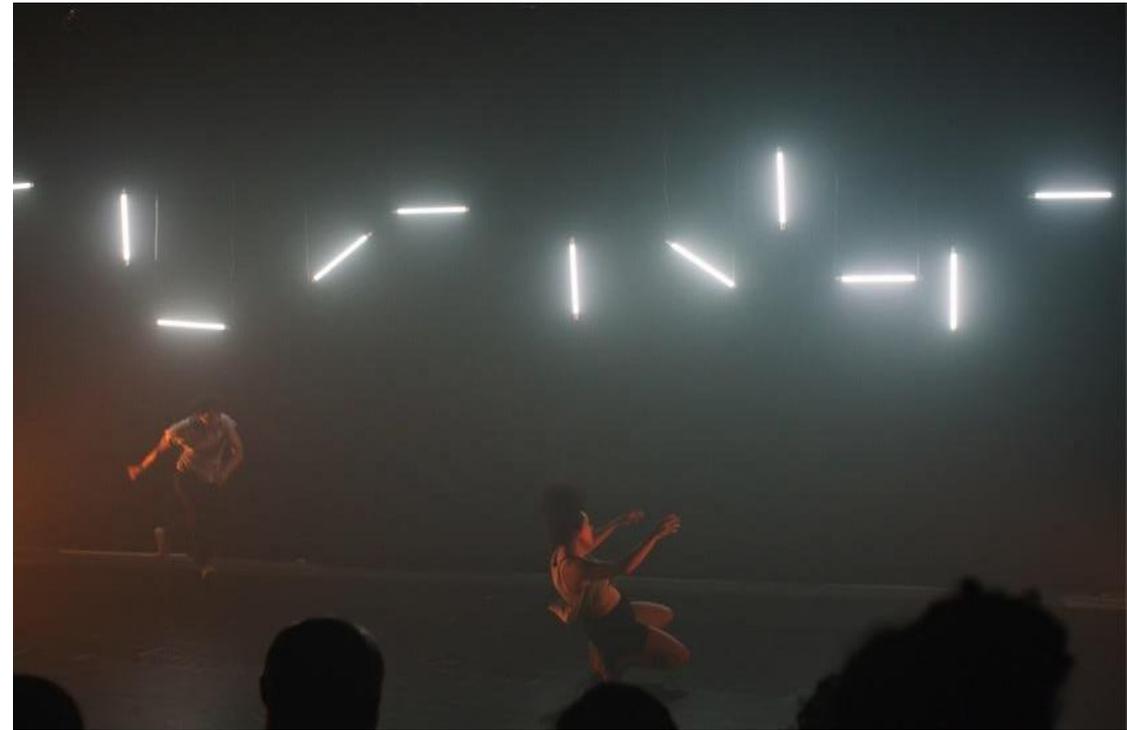
F



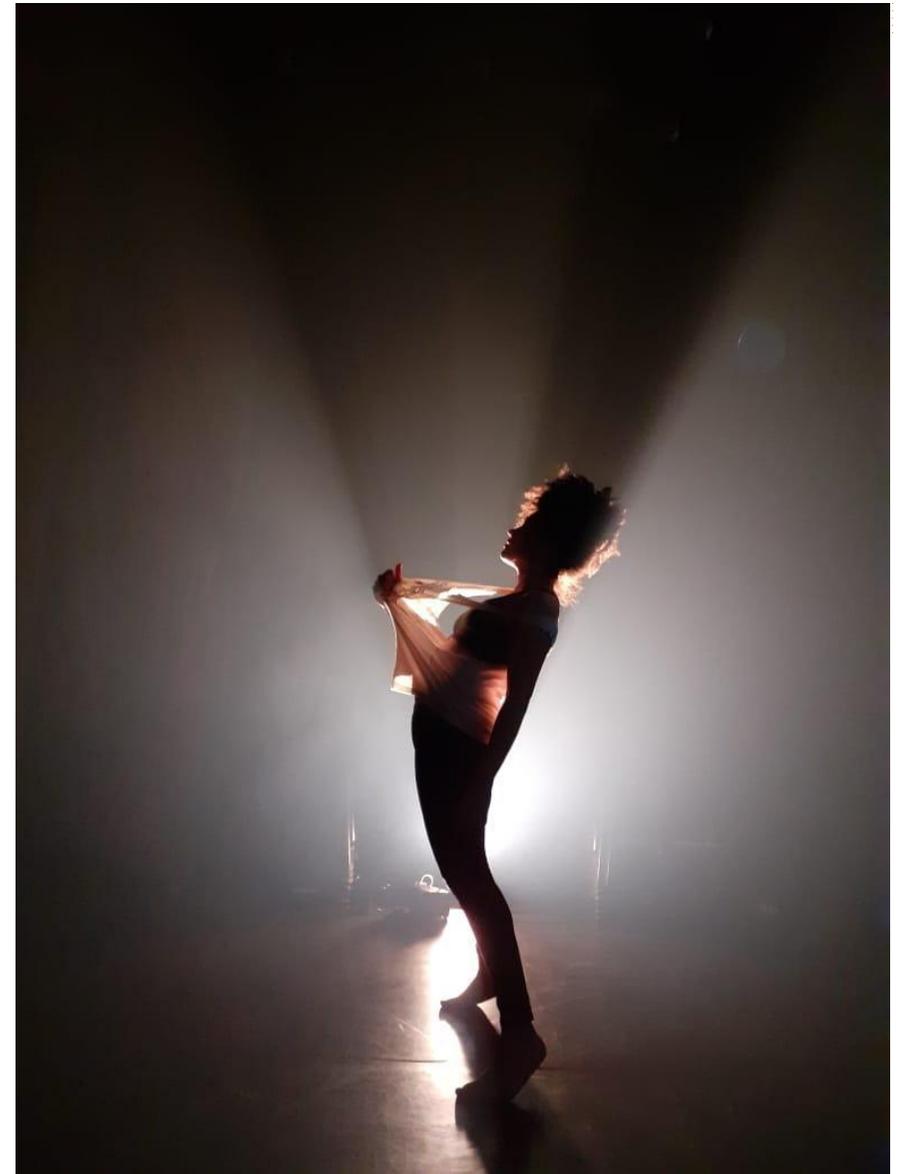
ESPETÁCULO NASCENDO



F



F



F



F



*Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Programa de Pós-Graduação em Teatro – PPGT
Centro de Artes – CEART
A Luz em Cena – Revista de Pedagogias e Poéticas Cenográficas
aluzemcena.ceart@udesc.br*